

Gameleira-branca

Copyright © Sofia Aroeira, 2021

Todos os direitos reservados à Editora Jandaíra, uma marca da Pólen Produção Editorial Ltda., e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lizandra Magon de Almeida

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Fernanda Marão

REVISÃO

Maria Ferreira

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Alberto Mateus

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Carolina Itzá

DIAGRAMAÇÃO

Crayon Editorial

Maria Helena Ferreira Xavier da Silva/ Bibliotecária – CRB-7/5688

Aroeira, Sofia

A769g Gameleira-branca / Sofia Aroeira. – São Paulo : Jandaíra, 2021. Posfácio de Thais Rodegheri Manzano.

655Kb.

ISBN: 978-65-87113-47-0

1. Ficção. 2. Literatura – brasileira. I. Título.

*Quem me pariu foi o ventre de um navio
Quem me ouviu foi o vento no vazio
Do ventre escuro de um porão
Vou baixar no seu terreiro
Êpa raio, machado e trovão
Êpa justiça de guerreiro (...)*

**Yáyá Massemba
Roberto Mendes**

Sangue



Olho para as pílulas sobre a pia do banheiro. Quatro comprimidos brancos. Não tenho dúvidas, mas, ainda assim, medito por um momento, acho que ele merece alguns segundos de hesitação.

Ele. Por alguma razão, desde que soube o que me ocorreu me refiro a ele mentalmente através de pronomes masculinos. Talvez assim seja mais fácil livrar-me disso. Os remédios são a cura para essa espécie de parasitismo, para que ele escorra pelas minhas pernas e volte à condição anterior, na qual se encontrava há poucas semanas: uma inexistência inócua.

Não consta em nenhum código penal, mas já vivi o suficiente para saber e tenho translúcida a constatação: crime muito maior seria trazer a um mundo cada vez mais hostil

mais uma criança abandonada. Lançar-nos a uma vida árida, cheia de espinhos, para percorrermos descalços e sem provisões quilômetros de chão pedregoso e fumegante, sob um sol impiedoso que não encontraria um mísero arbusto para opor-lhe sombra; seguindo desolados, apartados do mundo, evaporando aos poucos. Não faria isso conosco. Aos trinta anos sei que sou forte o bastante para nos poupar de tanta dor. Finalmente sou.

E por isso seguro os quatro comprimidos com a mão esquerda e com a direita coloco dois debaixo da língua – por mim, para me devolver o domínio do meu futuro – e mais um na parede de cada bochecha – por ele, para poupá-lo da angústia de nascer sem amor de mãe.

Levanto os olhos para o espelho, miro minha pele negra, enrolo os dedos nos cachos dos meus cabelos, desço as mãos e toco meus seios, seu pequeno volume. Sei que tenho um rosto expressivo e um corpo consistente, que têm uma graça particular.

Sinto curiosidade por mim mesma, pela minha substância, minha alma. Massa cinzenta, sinapses, neurotransmissores, batimentos cardíacos, peristaltismo, paredes de sangue que se descamam uma vez por mês. Para mim, carne e espírito sempre foram uma coisa só.

Quero me ver por inteiro. Tiro a regata velha e o shortinho de pijama, me estudo de calcinha. Deslizo os dedos pelas clavículas e a borda das axilas, pela parte interna dos braços, sobre as costelas, descendo pela barriga em direção ao umbigo, acarinhando minha pele, como costume fazer antes

de dormir ou como pedia que Arthur fizesse quando dormia comigo. E então me viro de costas, torço o tronco para olhar, vejo minha bunda repleta de listras, estrias brancas que nunca me geraram grande incômodo, são como o lembrete de um momento do início de minha adolescência, por volta dos onze anos, quando meus quadris se alargaram de repente.

Amélia teria atravessado esse período da vida como eu? Com muita surpresa, curiosidade e medo, em meio ao silêncio sólido daquela casa, pois Raquel nunca achou necessário explicar as mudanças pelas quais meu corpo passaria. Tampouco sua postura rígida abria espaço para diálogo. Com desgosto imaginei que sim, que Amélia tenha crescido quase exatamente como eu, já que naquela vila de pescadores o tempo nunca passa; nas poucas vezes que falei com a mãe pelo telefone nos últimos doze anos, só fiz confirmar o que já sabia: Raquel é sempre Raquel.

Em vinte minutos os comprimidos se dissolvem completamente na boca. Abro o pacote de absorventes noturnos, e coloco um. Dez minutos depois se iniciam as cólicas e o sangramento. Visto a roupa, tomo dois comprimidos de dipirona para a dor, deito encolhida debaixo das cobertas e fico quieta ali, a mente assaltada por uma cachoeira de lembranças.

A primeira vez que vi sangue de menstruação. Me assustei ao encontrar a mancha vermelha na roupa, não sabia do que se tratava, durante uma semana não saí do quarto, escondendo tecidos sujos que esfregava com desespero trancada no banheiro. Só podia estar à beira da morte.

Não pude relacionar aquele acontecimento grotesco com as famosas regras de Raquel, aquela semana que chegava todo mês para as mulheres de minha família, na qual não se podia lavar o cabelo e nem pisar descalça no chão, “pro sangue não subir pra cabeça”. Naturalmente, quando ela descobriu o que tinha acontecido, me disse simplesmente que tinha virado moça, me explicou como se usava o absorvente, e passou a me submeter aos mesmos rituais. Cheiro de ferro, urucum de fecundidade manchando os dedos.

O gozo encharcado de lágrimas que gerou o embrião que agora precisa se extinguir, quando Arthur e eu já havíamos decidido nos separar. A queimadura da pele branca estampada de tatuagens negras, a força dos dedos sobre a minha cintura, a urgência de tê-lo tão perto quanto fosse possível, o desespero de vivê-lo até que a intensidade nos transpassasse e nos deixasse uma marca definitiva...

Depois de meia hora, a cólica diminui e me toma uma fraqueza funda. Durmo.

Acordo com o telefone tocando. Leio no visor do celular o nome de minha mãe, aconteceu alguma desgraça. Minhas pernas pregam uma na outra. Atendo antes de olhar. Penso imediatamente em Amélia. “O que aconteceu?” – disparo sem cumprimentá-la. “Dora, sua avó não tá bem, o coração tá fraquinho, e ela tá batendo o pé que quer lhe ver antes de morrer.”

Paro de ouvir o que diz. Da janela entreaberta do quarto vejo o céu escurecendo, a partida dos últimos raios de sol ainda deixa uma linha alaranjada no horizonte, mas quanto

mais para cima caminham os olhos, mais as cores se tornam fúnebres, até alcançar a tonalidade densa de fumaça negra que esconde as estrelas – de onde estou não vejo a Lua. Também a luz de Dona Janaína está se apagando, e por incongruente que pareça, nunca acreditei que esse dia chegaria, ela me parecia uma esfinge. Minha avó sempre teve para mim a perenidade das boas histórias, a magia da curandeira, da bruxa. Nada acontecia a ela se não permitisse. Poderia, então, estar dando passagem para a morte? “Diga a ela que eu vou, Mainha, só preciso ajeitar as coisas no trabalho, amanhã ligo pra avisar o dia e a hora que chego.” “Tá certo, fique com Deus.”

Debaixo do meu quadril há uma poça de sangue. Já não sinto dores, mas estou fraca. Deixo as roupas sujas no chão do banheiro em um canto e, quando desço a calcinha, vejo sobre o absorvente uma bolsinha gelatinosa do tamanho de um grão de feijão, em meio a coágulos. O saco gestacional. Acabou.

Não quero tocar nisso. Encaro a massinha disforme, e me ocorre: isso não é uma pessoa. Era vivo e agora é morto, mas não é uma pessoa. Arranco o absorvente de uma vez, embolo, jogo no lixo. Tiro o saco plástico do cesto, corro com ele até a lavanderia. De volta ao banheiro, minhas pernas começam a coçar, o sangue seco forma uma crosta sobre a pele, e à medida que coço, se acumula sob minhas unhas. Esfrego uma mão na outra, para colocar as palmas quentes sobre os olhos, como oriento que as mulheres façam na sala de parto, entre as contrações; mas não consigo produzir calor, elas estão frias e pegajosas. Entro no box, ligo o chuveiro, me sento no chão.

Observo a torrente avermelhada se espalhando sobre os azulejos brancos e descendo pelo ralo. Permito que cresça a bolha sob meu estômago, vácuo engolidor de porquês. Queria poder falar com alguém.

Queria poder dizer também sobre estar perdendo minha avó, a mulher que, a distância, sem nenhuma palavra audível, estendia seus dedos mágicos até mim e me cuidava; trazia com os velhos pés o seu espírito e me visitava em sonho, momentos em que tínhamos longas e profundas conversas, nas quais sempre prometia vê-la em breve. Não suspeitava que essa visita poderia ser a última.

Mas não fui criada para remoer o irremediável. Visto um pijama limpo, coloco as peças ensanguentadas de molho numa bacia com água e sabão e troco a roupa de cama.

Antes de dormir, posto no grupo de WhatsApp do Hospital as datas dos plantões que darei nas próximas duas semanas, procurando enfermeiros ou enfermeiras que possam me substituir. Não será tarefa difícil; com a crise econômica em pleno vigor e os níveis crescentes de desemprego, os profissionais andam se estapeando por um plantão.

Cavalo de Troia



Painho me contou como foi o dia do meu nascimento.

Raquel tinha vinte e nove anos e três filhos homens, um de oito, um de cinco e um de quatro anos de idade. Apesar de eu ter sido sempre a mais miúda, dizem que a barriga que me abrigou foi a maior e mais pontuda, todos tinham certeza de que o quarto varão estava a caminho.

Naquele dia acordou cedo com algumas dores no baixo ventre, mas não se preocupou. Levantou-se, fez o café, colocou as roupas que tinha que lavar de molho. Quando o pai a flagrou em meio a seus afazeres, agachada com as mãos agarradas na pia, ofegando de olhos fechados, disse: “mulher, por que não avisou para chamar o dr. Nilton? Ficou maluca? O menino já deve estar chegando”. Acomodou-a no sofá e mandou que meu irmão mais velho, Tónico, corresse até a

casa do médico, que morava naquela mesma rua, alguns quarteirões à frente.

O falecido dr. Nilton – vi numa fotografia que Raquel guarda como um bibelô – era um homem careca, com um nariz de batata, óculos de aros pretos e grossos. Examinou minha mãe e disse que a criança ainda demorava quatro ou cinco horas para nascer. Imagino Raquel pensando que não falta muito tempo, tem que terminar de enxaguar e estender toda aquela roupa, para não deixar manchar, nem mofar. Caminha até o tanque e esfrega as peças, dando pausas quando a barriga endurece e uma pontada mais intensa ferroa a coluna. Para então, com os braços apoiados na pedra, respira fundo, e meio minuto depois, quando a dor diminui, torna a esfregar. Consegue pendurar todas as roupas no varal antes de começar a gritar e o dr. Nilton ter que ser chamado de volta.

O médico tem tempo somente de me aparar e cortar o cordão umbilical. Me enrola numa toalha e pronuncia as palavras: “é uma menina”. Se foi o que disse, a informação se dissolveu no mormaço da uma da tarde e jamais foi assimilada por Raquel. Com exceção da divisão das tarefas domésticas, que cabiam todas a ela e a mim, sempre me tratou com a mesma brutalidade e um pouco mais da indiferença que destinava aos meus irmãos. Deixava que batessem em mim como se eu fosse um garoto da idade deles.

Talvez a dureza de minha mãe, seus pés fincados como raízes, seu tronco emborcado e cascudo como as árvores do cerrado; talvez a constatação de que aquela era a mãe

possível, porque foi a que tive; talvez o borrão que existe em minha mente sobre a palavra mãe; talvez alguma dessas coisas ou a soma delas tenha feito com que eu atasse um vínculo tão forte com Valentina.

Valentina, como todos os bebês desejados atualmente. Valentina que, como eu, se revelou um presente de grego, um cavalo de Troia.

Conheci-a em meio a alguns plantões de Pediatria. Cheguei ao Hospital pela manhã e fui logo organizando as prescrições e os pedidos de exames. Quando me dirijo ao seu leito para coletar sangue, encontro a menina de sete anos sentada sozinha na cama daquele quarto de paredes amarelas descascadas, com uma boneca de pano apertada nos braços. É a única pessoa acordada ali, nas outras duas camas os pequenos pacientes e suas mães, recostadas em cadeiras, dormem profundamente. Vejo-a em meio à penumbra, mal iluminada pela luz do corredor que joga alguns raios para dentro do cômodo escuro. Quando vislumbra minha silhueta na porta, sorri com seus dentinhos tortos. Valentina é uma criança com Síndrome de Down, tem longos cabelos lisos e castanhos, que gosta que amarremos em duas marias-chiquinhas. Não avisto sua mãe em nenhuma parte e por isso decido aguardar – evitamos realizar procedimentos em menores sem a presença de um responsável.

Comento sobre a garota solitária, e uma colega explica: “ontem foi a mesma coisa, Dora, a mãe só apareceu no final do dia”. Seria estranho realizar a coleta na menina desacompanhada, mas fazer o quê, o laboratório chega para

transportar as amostras em vinte ou trinta minutos. Vou até o leito, brinco com a sua boneca, peço que segure bem o neném para fazermos o exame, simulo que realizo o procedimento no bracinho de pano. E então digo com a maior delicadeza que sou capaz de imprimir na voz: “agora é sua vez, Valentina”. Para minha surpresa, a garota estende o braço e continua sorrindo enquanto eu espeto a agulha e encho os tubos com as gotinhas de sangue. Quando termino, deixo duas balinhas em suas mãos e me despeço dando um beijo no topo de sua cabeça.

Um choro incessante preenche os corredores daquele andar. Na outra ponta, tosse de criança com o peito cheio, como diria vovó. “Ei, enfermeira! O soro dele acabou.” “Dora, aquele ali perdeu o acesso.” O choro é sentido. E tosse, tosse, tosse. O menino me chuta e puxa o braço quando tento pegar uma veia. Por que diabos essa mãe não faz nada? Se fosse eu ele já tinha levado um belo de um tapa. “Pronto, meu queridinho, passou, meu anjinho.” Mimado. Onde é mesmo a copa? “Cê também tá na Pediatria, Márcia?”, “Pois é, Dora, nem se a gente combinasse os plantões ia dar tão certo”, “Que que é essa criança que não para de chorar?”, “Ah, é um menino que bebeu uns produtos de limpeza enquanto a mãe tomava banho, tão aguardando só os exames pra levar pra cirurgia”, “Vixe.” A porta dos fundos dá para uma escadinha, e do lado de fora há um banco de pedra sob uma árvore mirrada. Acendo meu cigarro, o primeiro do plantão.

Fecho os olhos enquanto puxo a fumaça com a boca e inspiro ar pelo nariz. Solto. Observo a fumaça subindo, uma

pequena nuvem sob o sol.

Preciso passar a sonda na criança do vinte e três. Ela faz ânsia e vomita nos meus pés. A mãe fica envergonhada, “Me desculpa”, “Imagina, é assim mesmo. Cê pega umas toalhas de papel ali no banheiro pra mim? Brigada.” O choro segue, entrando nos quartos. Por que não levam logo esse menino pro centro cirúrgico? Espio pela porta, ele deve ter pouco mais de um ano, está com o bico pendurado na boca aberta, as lágrimas são como um afluente do rio que corre no rosto da mãe; sentada na cadeira, sacode o bebê, ao invés de embalá-lo. “Ei, Dora! Dora! Me ajuda aqui, segura essa lanterna pra mim? Mãezinha, segura bem a cabecinha dela pra não machucar, tá bom? Manu, fica bem quietinha que rapidinho o tio tira esse feijão do seu nariz.” Nossa, já são onze horas, ainda preciso checar os sinais vitais de todo mundo no último quarto. Copa. “Dora, que horas você quer almoçar?”, “Pode ser uma hora?”, “Beleza, então uma e meia eu vou.”

Passo novamente pelo quarto de Valentina e a encontro sentada quase na mesma posição; um recipiente de alumínio com a refeição intocada repousa na cômoda ao seu lado. Uma das mães reclama que ninguém está cuidando da menina, mas tampouco parece disposta a fazê-lo; a encara com o que me parece um misto de estranhamento e receio. Pego logo os talheres de plástico, alimento a garota e quando termino, busco no armário de suprimentos roupas hospitalares mais ou menos adequadas ao seu tamanho; procuro uma calcinha limpa na bolsa sob a sua cama, e levo-a para o banheiro do quarto. Depois de banhá-la, secá-la e vesti-la, penteio seu

longo cabelo com cuidado, e ela faz beicinho, apontando para as borrachinhas com ursinhos nas pontas, indicando o penteado que quer que eu faça; prometo que voltarei assim que os fios estiverem secos. Quando faço menção de sair, me lança um olhar magoado e vira bruscamente as costas para mim.

Já não resta nenhuma sombra no banco. Acendo o meu quinto cigarro. O sol queima minha nuca. Respiro fundo.

Faltam só três horas, só três horas. “Joana, e cadê esse Ricardo pra levar a Valentina pro ultrassom? Daqui a pouco não tem jeito mais. É só pegar a cadeira e empurrar a menina até lá, pelo amor de Deus! Se eu tivesse certeza que ela não ia cair e bater a cabeça, eu mesma levava andando.” Me surpreendo ao vê-la adentrando a sala de funcionários. Caminha até mim e se senta no meu colo, chupando o polegar de uma mão e acarinhando meu rosto com a outra. Me lança um olhar comprido enquanto desliza os dedos pela minha bochecha. Aconchego-a como posso com meus braços. Valentina. Não sei se sou eu que dou colo ou se é ela que me consola. Me levanto carregando-a com esforço, deve pesar uns trinta quilos, e a levo de volta para a cama, fazendo finalmente suas marias-chiquinhas.

Pouco antes do fim do plantão sua mãe aparece. É uma mulher bonita, está vestida como uma executiva, com camisa social branca, saia preta de brim até os joelhos, salto alto e olheiras profundas no rosto. Observo-a a uma certa distância: cuida da menina com delicadeza, mas de uma forma um tanto mecânica, maquinal. Tudo nela me passa a impressão

de uma pessoa fraturada, esvaziada de si mesma. Antes de ir embora, ouço o boletim dos médicos, que, ao mesmo tempo, atualizam a família e os novos plantonistas sobre a condição dos pacientes na corrida de leitos. Explicam que a criança vem tendo desmaios súbitos há dois meses e que por fim optaram por internar para investigação. Já descartaram alterações na tireoide e diabetes, estão aguardando os exames cardíacos e neurológicos.

Nas duas semanas que se seguiram, em todos os momentos em que estive de plantão, Valentina e eu seguimos a mesma rotina: a mãe aparecia só à noite, durante o dia eu me responsabilizava por alimentá-la e banhá-la; e ela sempre me encontrava em algum momento da tarde para pedir com os braços e com os olhos que a aconchegasse junto ao peito. Eu chegava em casa atordoada e dormia mal, tinha muita indigestão e no início atribuía à culpa que sentia quando me lembrava de que Amélia, naquela idade, certamente apresentava a mesma necessidade do afeto de sua mãe. Mas eu não estava lá, nem de corpo presente, nem para errar, nem como um invólucro vazio, nem para abraçá-la maquinalmente.

No dia em que fui até o Hospital para comunicar à diretora clínica sobre o período no qual me ausentaria, e apresentar a ela as trocas dos plantões que haviam sido pactuadas no grupo de WhatsApp, me sentei na cadeira ao lado da cama de Valentina e acomodei-a no meu colo. Falei baixinho com ela, para que retivesse o carinho que queria lhe transmitir. Abracei-a forte e a coloquei de volta em sua cama.

Ela, como sempre, me lançou um olhar triste e me deu as costas.

Oferenda



*No Abaeté tem uma lagoa escura
Arrodeada de areia branca (...)
De manhã cedo se uma lavadeira
Vai lavar roupa no Abaeté
Vai se benzendo porque diz que ouve
Ouve a zoadá do batucajé*

A lenda do Abaeté • Dorival Caymmi

Sempre achei curioso o modo como o que pode haver, ou o que imaginamos que haja além da vida, nos atrai e aterroriza, como esse medo é primitivo e irracional, nos atravessa à revelia do que pode dizer a razão. É

comum que crianças órfãs desejem profundamente reencontrar os pais, mas, exatamente por desejarem, desenvolvam um grande pavor de que o anseio seja atendido e, de repente, o espírito de um pai ou uma mãe morta venha visitá-las.

Racionalmente não parece fazer sentido. Afinal, se o espírito carrega a essência do que se é, por que haveríamos de temer o reencontro com seres que amamos, estejam eles em que forma estiverem? A ideia de uma existência após a morte não deveria nos trazer conforto, e não angústia?

Mas não é o encontro que nos apavora, é o mistério. É a possibilidade da existência de um outro universo, regido por outras leis, realidades incognoscíveis, mundos que não podemos imaginar, para os quais teríamos de renascer, crus e desorientados. Esse chão que nos falta, esse abismo diante do qual nos vemos desamparados é o que nos faz padecer de um medo arraigado, inconsciente.

Talvez por isso não deixei de temer entidades, almas penadas, mesmo depois de chegar à conclusão de que não acreditava em Deus e em nenhum tipo de existência pós-vida.

Fui criada dentro do Terreiro. Até os doze anos, enquanto morei com Raquel, frequentava-o nas segundas à noite, dia da gira dos Pretos Velhos, minhas entidades preferidas, e nos sábados em que o Centro organizava almoços gratuitos e atividades culturais ou de reforço escolar para as crianças da comunidade. Depois, quando fugi para a casa de minha avó, praticante da Umbanda há mais de trinta anos, seus ritos religiosos passaram a fazer parte do meu cotidiano.

Ainda hoje, cheiros que me remetam à defumação, plantas ou incensos, reacendem em mim imediatamente a sensação daquele tempo. Se num dia qualquer cruzo com um desses aromas, imediatamente me vejo criança. No terreiro, olho com estranhamento os adultos que conheço falando fino e chupando o dedo, engatinhando, brigando comigo por doces e balas no dia de Cosme e Damião. Tia Rosa, que abomina o cigarro, fumando cachimbo prazerosamente, com um grande beijo que nunca teve, queixo projetado para frente, voz de velha num timbre que não é seu, ê, zifi.

O local enfumaçado, iluminado por velas, preenchido por sombras que se agigantam e tremulam nas paredes rachadas. Infiltrações no teto, pilastras descascadas e murinhos baixos nos quais tantos se sentam, alguns com olhos úmidos, em busca de consolo. Tantas vezes depois encontrei esses mesmos olhos em outros lugares, essa mesma necessidade, primordial, de acolhimento.

Prateleiras com santos, e tia Esmeralda aponta, no centro Jesus Cristo segurando uma pomba branca é Oxalá, e então, distribuídos nas laterais: São Jorge-Oxóssi, Santa Bárbara-Iansã, Nossa Senhora da Conceição-Iemanjá, Sant'Ana-Nanã, São João-Xangô.

Minha avó, girando e girando, com uma coroa sobre a cabeça, o rosto coberto por uma franja de palha, braceletes, colares, saia inflada, um urro gutural saindo da garganta. Às vezes Dona Janaína fica malandra, toma cachaça, pede o chapéu-panamá para pendurar de lado, ordena que a chamemos de Zé Pilintra. Outras vezes se comporta como

uma rapariga, passa batom vermelho vivo, abre o decote, fica cheia de curvas e de rebolados. E eu sei, foi Dona Pomba Gira quem pegou emprestado o corpo de minha avó. Acho bonitos os ritos, os símbolos, as músicas. Mas, quanto mais cresço, mais tenho medo.

Acordo no meio da noite encharcada de suor, o zumbido no ouvido é tão alto e estridente que imagino um alarme instalado sob meu couro cabeludo. É a única coisa que se sobrepõe ao som do coração de boi pulsando dentro da minha cabeça. Seu Exu Caveira deve ter patas de touro, segura um crânio chifrudo, risca o chão levantando poeira, manda eu me calar com o dedo indicador em cima da boca. Não consigo me mexer. Estou acordada, de olhos abertos, mas o restante do corpo não responde, braços e pernas já não me pertencem, foram desossados. Será que minha alma se soltou? Me lembro. Já sei o que vai acontecer. Não quero olhar. Não quero olhar, mas os olhos não obedecem. Pressinto antes de ver, tem mais alguém ali. No canto do quarto, o monstro sem forma está saindo da parede. Uma nuvem negra, imensa, com olhos luminosos, vários deles, olhando para mim. O bicho retorçe o corpo em torno de três perninhas ossudas. O ar é líquido, meu peito arde. Alguma coisa pesa em cima de mim. Não sei quanto tempo se passa até conseguir mover meu dedo mindinho e só então a mão, os braços, o rosto. Enfio a cara no travesseiro para abafar o choro, não quero que vovó acorde. Não quero contar o que acontece comigo, arfo com a respiração quente, oxigênio pouco que passa pelo filtro de tecido e espuma, isso que eu vejo não é nada bom, não é nada

bom.

Demorava a ter coragem de olhar novamente para cima. Quando o fazia, via na parede somente a sombra de uma árvore que vazava pela fresta da janela empenada. Mesmo assim, só adormecia quando o dia começava a raiar. De repente, já não conseguia mais ficar no escuro, e por isso lia um livro até que Janaína pegasse no sono e eu pudesse fingir que esqueci de desligar a luz. Não queria andar sozinha dentro de casa, almas poderiam estar à espreita em qualquer lugar. “Adorei as almas, às almas adorei”, entoavam as vozes no Terreiro, e eu suava frio.

Até que decidi me afastar da Umbanda. Depois essa decisão foi ganhando contornos de racionalidade, comecei a ler sobre as religiões e o modo como cada uma delas propunha, sem apresentar argumentos lógicos, uma explicação dogmática sobre o universo. Comecei a buscar filósofos e pensadores que falassem sobre a existência, e me parecia cada vez mais nítido que as religiões tivessem sido inventadas pela humanidade; primeiro para explicar o que não conseguíamos compreender, para negar a morte e a finitude, e, por fim, para dominar e subjugar.

Eu, que sempre tinha sido a melhor aluna da escola da vila, comecei a me atar ainda mais à leitura, a estudar o método e as evidências científicas, a compreender como se constroem pesquisas bem fundamentadas. Nesse processo minha avó por um lado se orgulhava do meu esforço, e, por outro, se magoava comigo, dizia que eu só conseguia ver uma verdade, que desprezava sua sabedoria.

Talvez ela tivesse razão, mas os ataques noturnos de pânico foram se tornando mais raros. Quando ocorriam, conseguia me acalmar repetindo mentalmente que era só ansiedade ou paralisia do sono, logo ia passar. A escuridão era só a escuridão, e uma sombra na parede não era nada mais que a luz ricocheteando nos objetos sólidos ou atravessando os espaços vazios. Apesar disso, vez ou outra, se me via em um lugar ermo e uma brisa fria fazia arrepiar os pelos enquanto ressoava entre as árvores o canto de uma coruja, me surpreendia imaginando e temendo criaturas paranormais nas quais não acreditava.

Anos depois, vivencio uma das últimas experiências diretas com as entidades. Tenho dezessete anos, já se passaram cinco desde que fui morar com Dona Janaína na região mais afastada da vila, próxima à orla, numa cabana de pau a pique cujo único quarto dividíamos – ainda posso ver a cama de casal baixinha coberta por uma colcha de retalhos coloridos onde somos importunadas por insetos. Já estou acostumada a discutir com minha avó a respeito do sobrenatural, ela se enraivece, diz que sou descrente, que sou covarde, que não sabe porque preciso dominar todas as coisas, acha que é pura vaidade, que sou ingrata com os mistérios do Axé, que me acho mãe de Deus. Chego em casa com uma pata de cabrito que encontrei numa rua de terra perto dali. Acho aquilo engraçado, fico brincando com ela, mexendo de um lado para o outro, testando a mobilidade da articulação, examinando seus detalhes. Quando Dona Janaína entra na cabana e me vê com o cadáver, começa a gritar com

uma fúria que eu não conhecia: “Onde cê encontrou isso, Dora?! Foi na encruzilhada, não foi?! Não te ensinei nada, menina burra?! Tire isso de casa imediatamente! É uma oferenda pra Exu, da nação do Candomblé!” Mas não termina a bronca, começa a tremer muito, e, subitamente, se acalma, fechando os olhos.

Aproxima-se com passo zombeteiro, se senta na cadeira diante de mim, percebo que suas pálpebras fechadas vibram, tem o rosto completamente transformado. Começa a gargalhar. “E aí, Das Dores, parou com a choradeira?” Afina a voz, caçoando de mim. “Ah, que eu vou fazer, que eu vou fazer? Você não devia ter pensado nisso antes de abrir as pernas? Agora a menina já tá aí no seu bucho, e você acha que aquele seu namoradinho vai assumir? A essas horas ele já deve ter dado no pé... Mas se quiser podemos ajudar.”

Me vejo imediatamente em posição de alerta, estática, os músculos da coluna e do pescoço tensionados, as mãos agarradas às bordas da mesa. Tento transmitir firmeza na voz, mas ela sai chorosa, falhada. “Quero ajuda não, Seu Exu, obrigada. Desculpa ter mexido na sua oferenda, eu não sabia, vou devolver no lugar onde achei.” Olho para cima, sem ter certeza se é ali que se encontra a minha retaguarda – vejo somente a rústica base de madeira e o fundo das velhas telhas. E então começo a rezar o Pai Nosso. Ele ri mais uma vez, e completa: “Menina boba! Acordar Exu Caveira para correr trecho, e nada saber dizer. Pois lhe solicito a paga de um sacrifício, e uma cumbuca de azeite de dendê. Faça direito!” Concordo. Ele sorri mais uma vez, e, em seguida, o

semblante da minha avó se normaliza e ela cai da cadeira de plástico desmaiada no chão.

Alguns minutos depois, acorda com a cabeça apoiada em minhas pernas e lágrimas pingando em sua face. Quando me vê, supõe que incorporou e me pergunta o que aconteceu. Conto-lhe sobre a entidade e o pedido que fez, mas oculto o conteúdo da conversa. Ela se levanta aos poucos, e, assim que se vê recuperada, toma um banho de descarrego, acende uma vela sussurrando orações e se coloca a preparar as oferendas, dizendo que meu espírito é fraco para o serviço.

Vejo minha avó degolando uma galinha preta enquanto canta músicas em Iorubá, marcando o ritmo da canção com uma batida leve dos pés, entoando no silêncio de nosso quintal sua voz aguda e rouca. A posição é a de sempre, e a imagem guarda em si a repetição, o reflexo de todas as vezes que a vi assim, agachada no chão de terra batida, fazendo escorrer o sangue de uma galinha degolada para dentro de um prato fundo de vidro amarronzado, para nos preparar sua famosa Galinha à Cabidela. A fumaça do fogão a lenha, o calor e as faíscas, a panela de ferro, o suor e o cheiro de tempero, uma quentura que se perdeu e que tento inutilmente remontar.

Dona Janaína sai porta afora com seu turbante e suas guias, carregando uma cesta organizada com esmero. Quando volta, pede que eu me sente na cozinha, passa um café, e assim que serve nossas xicarazinhas metálicas pintadas de branco, começa a me explicar o que sabe sobre Exu.

“Num tem motivo pra ter medo, Fulô, os Exu é muito mais

próximo de nós, eles é mensageiro, eles é o movimento da vida. O povo acha que eles é ruim porque na época que os preto era escravo, Exu protegia nós, e os branco tinha medo. Mas Exu é justo. Eles precisa do sangue do bode por causa de uma briga entre Orunmila e o Rei da Morte em que um deles se meteu. Exu tentou enganar o Rei da Morte e por isso foi obrigado a ofertar bodes a ele pelo resto da Eternidade. E aí eles pede essa ajuda dos homem, em troca de algum favor. Mais ou menos como nós fazemo com tudo. Nós da Umbanda não praticamo muito o sacrifício, nossas entidade não pede isso pra nós, mas os irmãozinho do Candomblé tem costume, nós respeita. Entendeu? Mas agora cê já pagou sua dívida, eles num vai perturbar. De todo jeito, cê vai lá no Terreiro amanhã tomar um passe com Vovó Cambina”.

Passei as três noites seguintes sem pregar o olho, e durante os dias mal saía do quarto, com exceção da tarde que passei no Centro por ordem de Dona Janaína. Quando me senti um pouco melhor fui até a casa de Dona Firmina, dona das fazendas de mamão do entorno, e pedi para usar um dos únicos computadores da região. Pesquisei sobre os fenômenos da mediunidade e da incorporação a partir da ótica da Psicologia, encontrei alguns artigos defendendo que se tratava de outro estado de consciência, uma espécie de transe. Será que o que se manifestou ali foi algo que morava nas profundezas de minha avó? Com sua grande habilidade de observação, ela pode ter compreendido o que se passou comigo sem que eu precisasse contar, e aquela era a opinião que emergia sobre ter-lhe desobedecido, e contra suas

orientações, entregado o que considerava meu bem mais precioso a um garoto qualquer.

Só consegui contar que estava grávida quando a barriga já era impossível de esconder. Ela não esboçou grande surpresa, mas baixou os olhos numa expressão de decepção que muito me marcou e viria a coroar nosso afastamento. Não amei menos minha avó nesse momento ou em qualquer outro, mas foi como se meu último elo com aquela terra e aquela origem tivesse se rompido.

Talvez eu me arrependa.

Não de ter ido embora, mas de não ter sido capaz de compreender Janaína. Se o fenômeno da incorporação externava alguma coisa que ela guardava numa caverna escura e funda dentro de si, ao menos conscientemente escolheu não o expressar, e hoje penso que isso deveria ter sido o bastante para conter a minha mágoa.

Pouco antes do nascimento de Amélia, voltei para a casa de Raquel, onde, depois da saída dos meus irmãos, poderíamos ter um quarto só nosso. E com pouco mais de um ano de idade deixei minha filha para tentar a vida em São Paulo.

Divina comédia humana



*Estava mais angustiado que um goleiro na hora do gol
Quando você entrou em mim como um sol no quintal
Aí um analista amigo meu disse que desse jeito
Não vou ser feliz direito
Porque o amor é uma coisa mais profunda
Que um encontro casual*

Divina comédia humana • Belchior

Da porta, depois de empilhar as malas no corredor, antes de partir para a Bahia, olhei para dentro de meu apartamento muito branco e, a não ser pela presença de poucos móveis a mais, ele não parecia muito

diferente do que era três anos antes, quando eu e Arthur o adentramos com passos trôpegos em direção a um colchão que era sua única mobília. A tonalidade clara e o estilo minimalista das portas e armários pintados de branco, que, em parte foram responsáveis para que o escolhesse, me incomodaram. Amplificavam o vazio.

“Você não consegue confiar, se entregar. Olha essa casa, parece que ninguém mora aqui. Percebi que estava esperando encontrar seu armário vazio, suas coisas encaixotadas, ou pior, uma carta seca de despedida enfiada debaixo da porta” – foi o que ele disse quando terminamos. Ou algo parecido. E eu não soube responder.

Na primeira noite que passamos juntos falei que morava ali havia uma semana, mas já fazia quase um mês. Nos conhecemos aleatoriamente, numa sexta-feira em que decidi sair sozinha. Estava especialmente cansada da minha própria companhia e a perspectiva de ficar em casa lendo ou gastando horas inúteis no Instagram parecia a pior possível. Por isso arrastei meus pés desanimados para o banheiro, vesti um top de lantejoulas aberto nas costas, pintei o rosto, sentada de pernas cruzadas no chão, com ajuda do celular – ainda não tinha instalado espelhos nos banheiros – e saí em direção à Vila Madalena.

Caminhei entre os bares, indecisa, não totalmente convencida de que deveria ficar, insegura por ser uma mulher com um decote provocante, andando sozinha por uma das ruas badaladas da zona oeste de São Paulo, quase à

meia-noite. Mas então ouvi uma voz bonita de homem, num tom que ficava entre o agudo e o grave, cantando Belchior. Avistei-o no fundo de um boteco pequeno, escuro, com algumas mesas de madeira ainda vazias e me sentei.

Ele segurava uma guitarra, tinha uma grande barba preta emaranhada, o cabelo comprido e ralo, usava uma roupa muito simples. Braços muito brancos cobertos por tatuagens negras saíam das mangas cavadas e relaxadas da regata preta de algodão. Cantava praticamente sem abrir os olhos, e dançava desajeitado, absolutamente alheio ao seu público.

Fiquei sentada em minha mesa e cantei com ele praticamente todas as músicas, mas, somente quando o repertório estava quase no fim, ele notou que eu também entoava todas as letras. Num gesto que, hoje sei, não lhe é comum, se sentou em minha mesa e a primeira impressão que guardei desse momento foi a facilidade de conversar com Arthur, seus olhos que fitam sem se desviar, sem constranger e sem escrutinar, o silêncio prolongado para ouvir, uma mão que apoia o queixo para refletir antes de falar, as perguntas genuinamente interessadas e, acima de tudo, a tranquilidade de uma alma pacífica.

Nessa noite, também incomumente, contei a ele sobre meu trabalho como enfermeira e as angústias da doença e da morte, de cuidar quando o corpo e a mente se encontram muito rentes ao limiar da exaustão – ele sempre teve a propriedade de destravar algo em mim, e me lembro bem de que, nessa ocasião, já fazia algum tempo que eu não conversava realmente com alguém.

Arthur me falou sobre ter abandonado definitivamente a expectativa de completar uma graduação, sobre ter começado Música e Artes Visuais somente para concluir que odeia os formalismos da Academia e é incapaz de se adequar aos tempos das planilhas e cronogramas.

Levei esse homem alto e pálido para minha cama, e senti cada contratura de sua insegurança e cada gota salgada de seu medo de me machucar. Fizemos um sexo suave, muito diferente do que estava acostumada. Com o tempo tive que ensinar-lhe também a soltar seu bicho, a enveredar os dedos pela raiz dos meus cabelos e segurar com força. Melhor assim. Muito melhor que um homem aprenda a brutalidade com a mulher que o deseja, e somente na medida exata do prazer. Do meu prazer.

Ele sempre fez tudo o que era possível, mais do que era possível, e era justamente esse a mais que me assustava. Sentia como se um limite estivesse sendo invadido. A profissão parecia agravar a situação, me esgotava o pouco de empatia e simpatia que restavam. E então a entrega de Arthur ficava sempre vazia, falava solitariamente com o silêncio, nada ecoava em retorno.

Talvez nosso término tenha sido o melhor desfecho.

Mesmo assim, sinto saudade. De quando ele acordava antes do raiar do dia – naquela casa velha e desorganizada em que vivia, naquele quarto com paredes cobertas por seus desenhos incríveis em folhas sulfite encardidas, coladas com fita crepe – para ir até o ponto de ônibus, comprar um café no caminho e ficar comigo até o último instante, me abraçar

apertado quando eu suspirava de cansaço, e me dar um beijo de sono e apoio antes que eu tivesse de subir no coletivo com cara de quem precisava dormir muito mais. Começava ali um dia de muito esforço.

Se me perguntam por que escolhi Enfermagem, ainda hoje tenho dificuldades para articular uma resposta. Havia então uma possibilidade real de conseguir cursá-lo pelo ProUni, além de uma perspectiva de emprego relativamente sólida. Mas há algo mais. Me imaginava dentro de uma roupa branca reluzente, debruçada sobre outra pessoa em sofrimento, consolando e amparando, portando uma generosidade límpida como águas de um rio bravio. Em cuja margem vez ou outra se vê uma única lavadeira: ela chega, ereta, séria, o balanço altivo dos quadris remexendo-se ao passo lento das chinelas, suportando com dignidade o peso da bacia de roupas apoiada na cabeça. O brilho das águas sussurra travessias, seu movimento fala do que sobe ao céu, mas mais ainda do que cai no chão, se infiltra na terra, alcançando covas e raízes, tornando-se madeira, caixão. Eu desejava essa dignidade, essa sabedoria; dentro de um jaleco branco me imaginava como o barqueiro do rio da morte, conduzindo as almas até o outro lado.

Para descobrir depois que a prática da profissão, sendo tudo isso, não é nada disso. Que o cuidado passa irrefletido em meio a uma rotina louca de filas que se agigantam, de uma demanda sempre maior, de um tempo cronometrado e espremido numa lógica de produção da qual não escapamos. Que nosso conhecimento é, repetidas vezes, desvalorizado em

hierarquias profissionais, que resultam em remunerações com abismos de diferença. E que nos embrutecemos.

Mas, doze anos antes, quando Madrinha me ofereceu uma passagem e abrigo em sua casa em São Paulo para que eu concorresse às bolsas recém-lançadas pelo Governo Federal, para estudar gratuitamente ou através de financiamento em Universidades Privadas, não pensei duas vezes. Deixei Amélia e me prometi que voltaria para buscá-la assim que concluísse o curso e tivesse um emprego.

Não voltei. Depois de seis anos, minha filha já estaria trocando os dentinhos de leite, aprendendo a escrever o alfabeto e não teria uma única lembrança de sua mãe.

Não quero pensar sobre isso agora. Em outro momento.

Dequitação



*E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço
E quem vende outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso*

Sampa • Caetano Veloso

Reclinei a poltrona do ônibus e ouvi o suspiro indignado de um senhor barrigudo atrás de mim. O interior do veículo, em veludo azul encardido, tinha um cheiro artificial de tutti-frutti, e, por minutos a fio, foi preenchido pelo som do farfalhar de corpos se ajeitando:

mochilas sendo empurradas para dentro de compartimentos pequenos demais, cobertas puxadas de sacolas de plástico estampadas, conversinhas de crianças, abertura de latas de Coca-cola, quadris girados para passar com dificuldade pelo corredor. Fingi não perceber o incômodo do velho da fileira de trás e me permiti ocupar tranquilamente o espaço que pareceu meu por direito – atestado pelo nome impresso na passagem e a inclinação predeterminada do encosto. Ele que se virasse.

Tirei os sapatos, apoiei os pés no assento, coloquei o álbum “Refazenda” de Gil para tocar no player. A cadeira ao meu lado estava vazia, apoiei minha mochila menor ali – a maior tinha ido no bagageiro – e desejei que ninguém viesse ocupá-la nas paradas seguintes.

De modo geral gosto de viajar de ônibus, embora essa viagem fosse especialmente cansativa. Sempre achei que esses entre-lugares levassem a um estado diferente de consciência, ajudando a percorrer as travessias do pensamento e da memória, proporcionando raros instantes de contemplação da vida. Ali era particularmente importante ter algum tempo para divagar.

A conta era extensa, e havia muitos retalhos a remendar entre a mulher de dezoito e a de trinta. Por tanto tempo elas ficaram apartadas, como se esta e aquela vida não tivessem nenhum ponto de contato. Como se esta mulher e aquela menina não tivessem nada em comum. Eram como duas existências separadas por uma morte. Vivi durante anos como se tivesse esquecido.